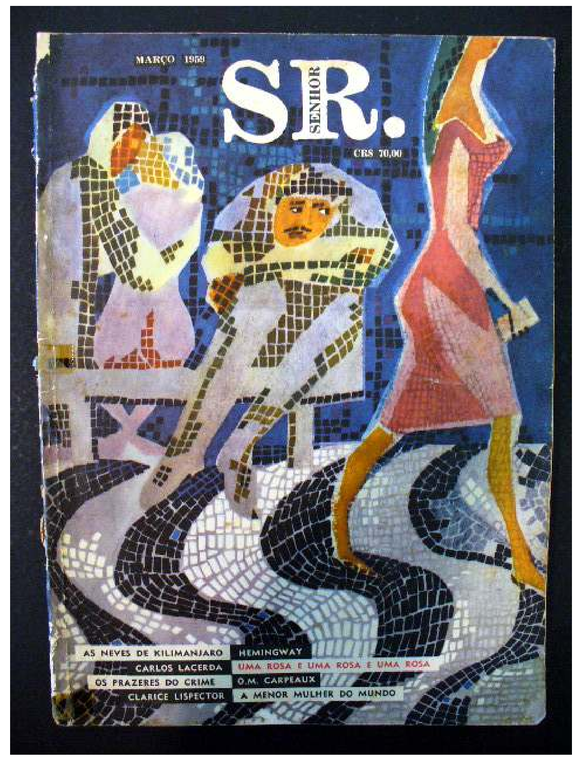
moda na SR. SENHOR para eles

análise dos editoriais de moda masculina da revista senhor (1959-1964)

Orientando /André Ribeiro de Barros/Arquitetura e urbanismo/ FEC/ Unicamp/ andrerb@gmail.com
Orientadora Profª. Drª. Silvana Barbosa Rubino/IFCH/ Unicamp/ srubino@uol.com.br
bolsistas PIBIC/CNPq



INTRODUÇÃO

Revista SR publicação da editora Delta, de propriedade de Simão Waissman, foi criada quando esse editor percebeu no mercado editorial a brecha para uma revista de variedades com alta qualidade, dedicada a um público masculino sofisticado. Waissman entra em contato com Nahum Sirotsky, ex-diretor da Revista Visão e um dos grandes responsáveis pelo sucesso da revista Manchete para dirigir a revista. Convidam Carlos Scliar para desenvolver o projeto gráfico da revista. Scliar monta então, um modelo a partir de recortes de revistas internacionais.
O design gráfico da Revista Senhor tem suas raízes nas artes plásticas, Scliar e Glauco Rodrigues, este ultimo contratado por Scliar para ser seu assistente, são artistas de grande porte, com obras ancoradas na pintura, no desenho, na gravura, e lugares reservados na história da arte brasileira. (MELO, 2006).

Dentro do conceito de revista de variedades - dirigida a um grande público masculino, ainda que educado e sofisticado, porém não iniciado - o conteúdo interno da revista traz todo teor necessário ao conhecimento do homem moderno. Literatura, política, economia, humor, moda, até a publicidade recebe tratamento especial nas páginas da revista.

O corpo editorial era composto por artistas plásticos como, Carlos Scliar, Glauco Rodrigues, Jaguar, Bea Feitler, Fortuna e Ziraldo. Glauco, Jaguar e Bea Feitler eram os assistentes de Scliar na editoração de revista. Recebiam ainda, colaborações especiais da literatura reconhecida de Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Ferreira Gullar e outros escritores contemporâneos aos leitores. Tinham a frente da revista como editor redator chefe, o jornalista Nahum Sirotsky, auxiliado por Paulo Francis. Luiz Lobo era redator e Newton Rodrigues, colunista.
Carlos Scliar, artista plástico, ficou a frente da revista, como diretor do departamento de arte no período entre março de 1959, lançamento da revista, até julho de 1960, quando Glauco Rodrigues, que já parte integrante da equipe editorial assumiu o comando deste departamento por

A MODA NA SENHOR

A roupa é de suma importância na construção da identidade.
Diane Crane

Como parte da vida cotidiana, a moda estava presente nas páginas da Revista SR, mostrando as últimas tendências em moda na referida década. Moda, vestuário e comportamento somados a fantasias, desejos e aspirações estampam as páginas dedicadas à moda no interior da revista, configurando o cenário de propagação das regras do viver em sociedade, do uso de signos de reconhecimento cultural. A moda como conhecemos é uma manifestação ocidental, silenciosa e de parâmetros mutáveis a cada estação, como aspecto visual construído como linguagem por cada um de nós. (Lipovetsky, 1991. Sant'Anna, 2002).
A roupa serve ao seres humanos como proteção as intempéries e como proteção social, servindo muitas vezes de escudo a sociedade a qual se está inserido. A escolha do vestuário está ligada diretamente à mensagem (ideais, ambições, crenças) que se deseja transmitir, o que se sente ao exibir certo visual, ao portar certa aparência.
Nos anos de 1960, os ícones da moda, Yves Saint-Laurent, Mary Quant, André Courrèges e outros estão traduzindo pela primeira vez a moda da rua para as grandes casas de alta costura. Este período está se curvando a uma nova realidade, já não existindo uma moda única e sim, uma multiplicidade de propostas. A juventude vivida como uma entidade que possui poder de compra de um mercado próprio.
Neste contexto, paletó cintado, gravatas largas e botinas, dominam o prêt-à-porter masculino, com uma escolha de materiais novos, introduzindo uma leveza na construção das peças e na simplificação dos detalhes, levando a uma outra postura. Segundo Baudot, a linha aproxima-se da forma do corpo, as calças de 'cintura baixa', ombros em forma de pagode, cabelos varrendo a gola comprida e pontuda das camisas com pences, fazem com que o homem admita mais facilmente no futuro uma elegância que não afete sua masculinidade. Contudo, os estilos de vestuário para os homens de classe média público alvo da revista são definidos como uma tradição restrita, estável e orientada para o passado.

OS EDITORIAIS DE MODA

Os editoriais de moda são mediadores entre os produtores de moda e os consumidores sobre esta linguagem das aparências. Apresentam imagens carregadas de mensagens - informações codificadas - aos leitores por meio de signos. Esses signos são expressos através da fotografia, meio que melhor exprime tais mensagens. De acordo com Sontag, fazemos da fotografia um instrumento através do qual, precisamente, podemos dizer qualquer coisa e servir a qualquer propósito. Àquilo que na realidade é discrição, as imagens se associam. (SONTAG, 1981).
A Revista SENHOR trazia mensalmente as bancas um volume repleto de ilustrações, compostas por gravuras, desenhos, caricaturas, diagramação, tipografia e fotografias. A fotografia é utilizada na composição da revista como matéria-prima, não havendo registro fotográfico bruto, a publicação não conta com foto-jornalismo, não é foco principal da editoria. Desta maneira, as composições apresentam porções de fotografias, compondo um todo harmônico, necessário à transmissão de idéias.
Assim, através dos editoriais de moda, os vários editores da Revista SENHOR falavam aos seus leitores de homem para homem. A construção da identidade, do corpo do homem, estava sendo abordada sob uma visão masculina e apurada dos intelectuais que trabalhavam na revista.
Os editoriais abordavam aspectos de real interesse aos homens da década de 1960. Escapavam de certa maneira do ciclo incessante da moda. Os editores estavam 'antenados' aos acontecimentos mais recentes da moda nacional e internacional, e apresentavam suas características em formato diferenciado das revistas de moda voltadas ao público masculino.
A figura feminina era utilizada como acessório e suporte em alguns editoriais como pode ser observado ao decorrer deste relatório. Não havia a exploração do corpo feminino e sua sexualidade, como nas revistas voltadas ao público masculino em geral.
Os editores tinham a preocupação de pensar o gênero masculino, contrariando a idéia do estudo de gênero voltado ao universo feminino. A revista abordava assuntos de grande relevância ao universo masculino, que poderia ser acompanhado pelo público feminino sem que esse se sentisse excluído ou ofendido, sem a necessidade da abordagem clichê presente em outras publicações voltadas ao mesmo público.

Os editoriais de moda e a publicidade geravam uma demanda visual não contemplada pela ilustração, necessitavam retratar com fidelidade sejam roupas e acessórios, ou então, produtos a serem comercializados.

E como já dito acima, a fotografia como matéria-prima dá corpo aos editoriais, permitindo a criação de histórias e fábulas onde a roupa, os acessórios, o penteado - a moda - é o ator principal. Os ensaios fotográficos decodificam os signos da moda para o homem contemporâneo comum, público alvo da revista.
Por ser uma revista dirigida ao público masculino, os editoriais da revista utilizavam-se da figura feminina como acessório, prendendo à atenção do leitor, já que a idéia de construção de uma identidade pelo homem através do uso de vestuário era vista com reservas, conceito que sofreu grandes alterações desde então, principalmente a partir de 1990. Tais editoriais tornavam público às idéias, o 'como ser' um homem na década de 1960, vendendo fantasias, desejos e aspirações do homem moderno heterossexual, assumindo a suma importância da roupa na construção da identidade.
Resumidamente, a construção de um editorial deste tipo se inicia com a definição da intenção que se deseja transmitir através de uma pauta, muitas das vezes, discutida em conjunto com os editores e produtores de moda e arte. Esta decisão tomada, estes profissionais escolhem as roupas que serão usadas, os modelos, a locação da filmagem, o fotógrafo e outros detalhes.
Contudo, o editorial necessita de alguma maneira transmitir claramente aos seus leitores a intenção dos editores e produtores através da revista. A intenção primeira é a decodificação do que é visto nos desfiles de moda, por profissionais iniciados no assunto, neste caso os editores de moda, aos não-iniciados, os leitores. Essa transmissão é feita com o uso da fotografia de moda a partir de uma história a ser contada.

ANÁLISE DOS EDITORIAIS DE MODA

Elegeu-se alguns editorias de moda que ilustram e são amostra da versatilidade do corpo editorial da Revista Senhor para uma análise um pouco mais minuciosa, na tentativa de decodificação de alguns de seus signos e significados. Permitindo assim, o entendimento da construção de editorial de moda, e o que eles significavam para os editores da revista.

Cem mil cruzeiros pelo caroço de maça de Adão No azul pintado de azul.

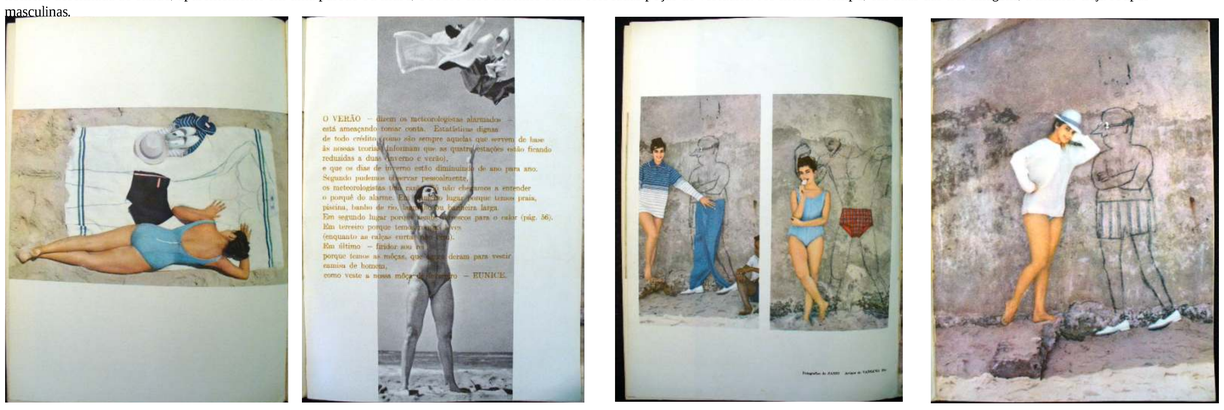
Neste primeiro editorial (primeira edição da revista março, 1959), os editores se utilizaram de desenhos para exibir e evidenciar os artigos destinados aos homens, através da utilização de quatro páginas (duas páginas duplas). (ver imagens 17 e 18).
Os artigos mostrados: (1) um chapéu azul, (2) uma camisa branca em conjunto com (3) uma gravata, (4) paletó, (5) calça social, (6) sapato social e (7) camisa de gola e manga comprida de malha.
A construção do editorial tem como suporte o corpo masculino, e elementos que remetem ao universo masculino. Esse 'corpo masculino' não é representado na íntegra, e em alguns casos, percebe-se a existência de uma alusão ao corpo, mesmo que não representado graficamente.
Nas duas primeiras páginas (imagem 17) pode-se observar o desenho de um cavaleiro e seu cavalo, e a imagem de um chapéu azul que teve o seu tamanho aumentado, evidenciando sua maior importância em relação ao restante do grafismo. O par cavaleiro-chapéu forma uma nova imagem ao leitor.
Esta nova imagem sugere que o cavaleiro está caminhando em direção a porção localizada à direita da revista. Do instrumento em suas mãos, uma trombeta, que pode ser lida como uma trombeta de anunciação sai às frases que dão origem ao título do editorial: Cem mil cruzeiros pelo caroço de maça de Adão No azul pintado de azul, diagramados de maneira que o leitor perceba serem essas frases os sons anunciados por tal cavaleiro. E também, como anúncio das próximas páginas que perfazem o editorial.
Tais interpretações estão sustentadas pela leitura das imagens e do texto como um conjunto. Os editores iniciam o texto com citações da passagem de Genesis, explicitando o que para eles seria o momento no qual o Homem passa a usar artifícios, neste caso folhas, para cobrir o corpo, baseado em passagens da bíblia, nos trechos onde conta-se a origem do vestuário através de Adão e Eva.
Este primeiro parágrafo faz referência ao primeiro trecho do título do editorial. Seguido da introdução de uma problemática, o custo de peças básicas necessárias ao vestir.

> *"Daí em diante o pai Adão foi obrigado a catar folhas de figueira para vestir. E Eva lançou a moda da folha de parreira (que ficou muito mais popular). E o problema de vestir começou".*

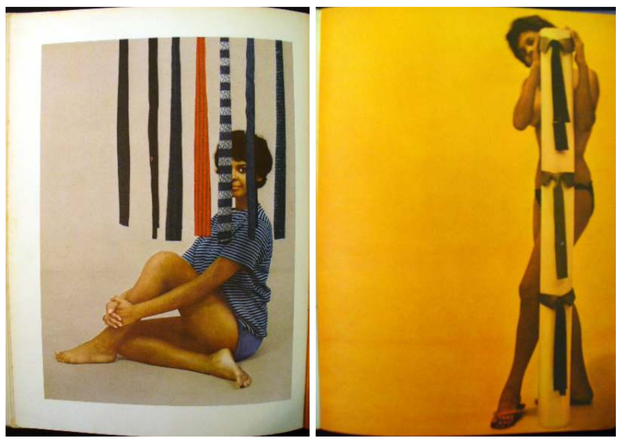
Na sequência apresenta uma listagem de peças e quantidades dessas que podiam ser compradas com cem mil cruzeiros.
As imagens que acompanham essa segunda página apresentam (1) um paletó vestido em um desenho de um manequim que se assemelha a base e fuste de uma coluna, nota-se que o paletó parece estar vestido em um corpo humano, há movimento nas mangas e no corpo do casaco, e (2) camisa e gravata pendurada em uma espécie de cabideiro, que assim como o manequim foi desenhado.
A página dupla a seguir (figura 18) mostra à esquerda, um sapato repousado sobre uma taça representada através de desenho e a direita três imagens: (1) calça e sapatos em articulação com o desenho do que se assemelha com um painel, que impede o leitor de ver a figura masculina que veste essas peças por completo, porém, não impede a compreensão da existência de tal figura, da existência de um corpo; (2) novamente, os editores se utilizam do desenho e da montagem para mostrar a última peça do vestuário masculino desse ensaio. A face do modelo que foi fotografado é substituída pela imagem da cabeça de uma estátua masculina, que pode ser lida como uma estátua representativa de Adão. E o último desenho apresentado (3): o desenho de um corpo feminino visto por trás, onde há a presença de um desenho de uma maça, 'mas vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e desejável para dar entendimento, tomou o seu fruto e comeu', remetendo diretamente ao texto introdutório do editorial.

O Verão

Este editorial de verão traz assim como o editorial A gravata e a moça, a figura feminina como suporte a moda masculina, que é apresentada sem a presença real de um corpo masculino, este está representado de maneira fantasiosa.
Nas quatro páginas dedicadas ao editorial, a figura masculina e seu respectivo corpo estão representados por desenhos caricatos, e servem como suportes inusitados as peças de vestuário apresentadas.
Na primeira sequência de imagens observa-se o corpo masculino desenhado em uma toalha de banho. Um short foi posicionado acima deste desenho, exatamente onde este estaria localizado em um corpo real. Outras peças de vestuário, camisa, chapéu e par de sapatos, foram postos ao lado do corpo remetendo diretamente ao desenho.
Na sequência final fica evidente o suporte utilizado pelos editores a presença da mulher e o desenho em suporte variado. Nessa sequência de três imagens, nota-se um padrão semelhante. Há a figura de um homem desenhada ao fundo, aparentemente em uma parede ou muro, e sobre esse desenho foram colocadas peças de vestuário. Ao mesmo tempo, em duas das três imagens, a mulher traja roupas masculinas.



A gravata e a moça



Neste editorial intitulado A gravata e a moça, os editores se utilizam da figura feminina para falar de gravatas. O texto que acompanha as fotos apresenta as tendências, na visão dos editores, sobre o formato, a cor, o tecido, e outras características das gravatas.

A primeira página de três apresenta o texto rápido e informativo de maneira descontraída. E ainda, apresenta, como se pode observar ao lado, uma mão feminina servindo de suporte para gravatas que seguem as características descritas no texto.

Essa imagem sugere a aparição da figura por completo de uma mulher. E o texto parece ratificar essa sugestão na passagem a seguir: As moças estão combinando com as gravatas, quanto à forma. Como nessa Yolanda.

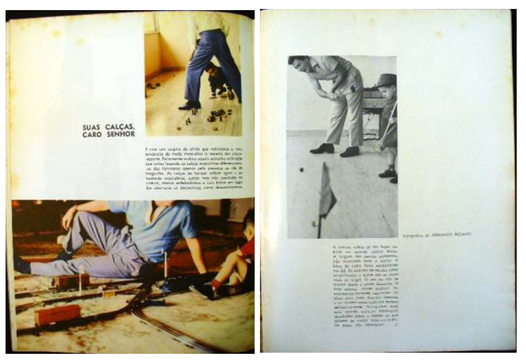
Da mesma maneira com a qual os editores apresentam aos leitores, o formato do colarinho, a cor da gravata, o tipo de nó, apresentam a figura da mulher que é utilizada como artifício para falar e expor o tema do editorial.

O sentido da imagem, da esquerda para a direita, com a mão apontando para o lado direito da imagem, sugere a continuidade das imagens que compõem o editorial, recurso usado em ampla escala por grande parte das revistas.

Nas páginas seguintes (imagem 20) as imagens trazem a figura da mulher como suporte as gravatas. Na página da esquerda, há uma seleção de gravatas escolhida pelos editores para ilustrar tanto o editorial como artigo fotográfico quanto como referência ao texto,

Na terceira e ultima página do editorial, a figura feminina é apresentada de forma mimetizada, escondida, apoiando uma coluna que serve de suporte para três colarinhos com suas respectivas gravatas. A figura feminina, neste caso, possui função semelhando ao suporte das gravatas, e ao mesmo tempo afirmam a passagem do texto citando anteriormente, onde os editores comparam as moças à forma das gravatas. Podemos aqui extrapolar esse entendimento para a forma vertical e esguia das gravatas à forma das modelos e manequins a partir do final dos anos 1950, início dos anos 1960.

Suas calças, caro Senhor



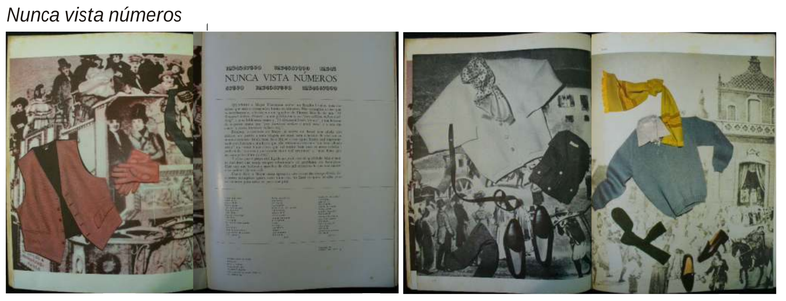
O editorial Suas calças, caro senhor conta uma história através de suas imagens. Pode-se observar acima um pai brincando com seu filho. A presença de uma figura masculina adulta e uma criança não deixa dúvida sobre o mote da história a ser contada.
Uma vez mais, os editores focam com maior grau de importância as roupa. Das três imagens que compõem o editorial, apenas a terceira e última revelam as faces do pai e filho.
O texto, por sua vez, apresenta as preocupações dos leitores como usuários de calças, e o alívio e satisfação, nas palavras dos editores, com o rumo que a moda masculina estava tomando na época quanto ao corte, ao caimento, as proporções em geral das calças.

> É com um suspiro de alívio que noticiamos a nova tendência da moda masculina a respeito das calças-esporte. Felizmente acabou aquela estranha inclinação que vinha fazendo as calças masculinas diferençarem-se das femininas apenas pela presença ou não da braguilha. As calças de homem voltam agora a ser bastante masculinas, justas mas não apertadas na cintura, menos enfeitadinhas e com bolsos em lugar das aberturas só decorativas.Como demonstraremos.

As imagens como um conjunto apresentam as calças sendo usadas por um homem, pai, em movimento, exercendo alguma atividade, mesmo que lazer. Tais imagens dão suporte ao texto. As calças mostradas possuem pernas menos justas, bolsos que não são apenas decorativos e outras características destacadas no texto.

Outros editoriais

Nunca vista números



Os chapéus vêm aí

Todas as imagens pertencem ao acervo da Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo, Masp.
Reproduzidas aqui com finalidade única e exclusivamente acadêmica.

BIBLIOGRAFIA

Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo, MASP.
Acervo Revistas Brasil. Título: (REVISTA) SENHOR. Coleção: N.1-55 (1959-1963)

AMAR, Jean-Pierre. História da Fotografia. Tradução de Vitor Silva. Lisboa: Edições 70, 2001.
BARNARD, Malcolm. Fashion as communication. London; New York: Routledge, 1996.
BAUDOT, François. Moda do século.São Paulo: Cosac Naify, 2002.
CRANE, Diana. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
DENIS, Rafael Cardoso. O design brasileiro antes do design : aspectos da história gráfica, 1870-1960 / Rafael Cardoso (org.). - Imprenta São Paulo : Cosac Naify, 2005.
DENIS, Rafael Cardoso. Uma introdução à história do design. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 1999. 9.
LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades complexas. São Paulo: Companhia da Letras, 1991.
10. MANINI, Miriam Paula. O verbal e o visual no caso do foto-romance. Campinas [SP: s.n.], 1992.
MELO, Chico Homem de.(Org). O design gráfico brasileiro: anos 60. São Palo: Cosac & Naify, 2006.
SONTAG, Susan. Ensaios sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.
SANT'ANNA, Patrícia. Desfile de Imagens. Um estudo sobre a linguagem visual das revistas de moda (1990-2000). Campinas: dissertação de mestrado em Antropologia Social IFCH-UNICAMP, 2002
WOLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais da historia da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao Pibic/CNPq que possibilitou a realização desta pesquisa.
A professora Silvana Rubino pelo suporte e orientações;
A biblioteca do Museu de Arte de São Paulo (Masp) que permitiu a pesquisa das revistas em seu acervo, tendo sido o atendimento sempre atencioso e prestativo.
Ao Grupo de Estudos de Arte, Design e Moda da Unicamp, em especial as amigas Patrícia Sant'Anna, Stela Politano e Soraya Copolla.
E a todos os meus amigos que de alguma maneira contribuiram para a realização dessa pesquisa.